

CENÁCULO

Boletim on line do
Museu de Évora



Os artigos são da
responsabilidade dos
autores e não expressam
necessariamente a opinião
do Museu de Évora.

A utilização integral ou
parcial dos textos do
boletim deve ser sempre
acompanhada pela citação
do nome dos autores, título
dos textos e a referência à
essa publicação on-line.

EDITOR

Joaquim Oliveira Caetano

PERIODICIDADE

semestral

MUSEU DE ÉVORA

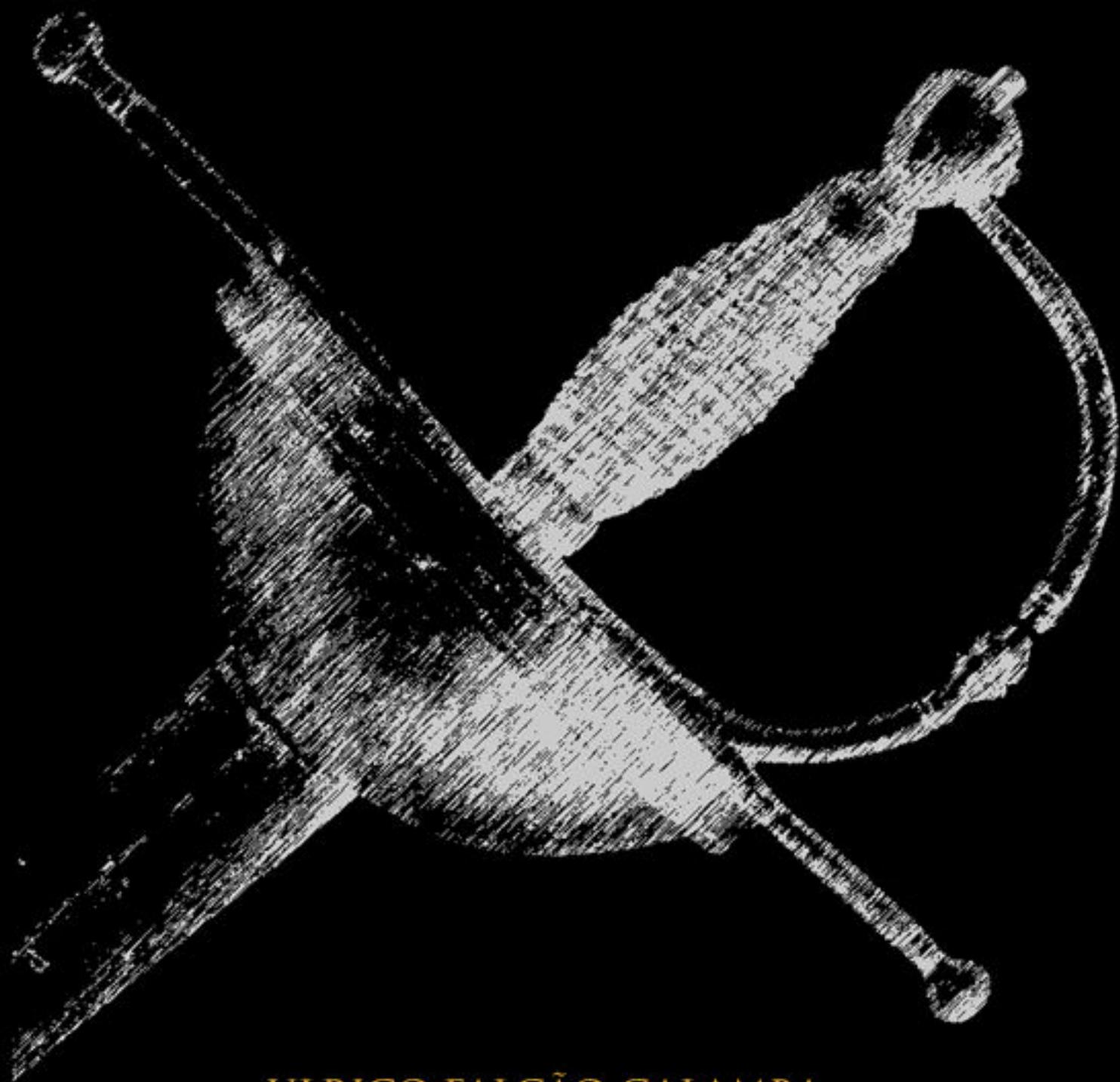
Largo Conde de Vila Flor

7000-804 Évora

TLF 266 702 604

E-mail: mevora@ipmuseus.pt

A COLECÇÃO DE ARMAS
DO
MUSEU DE ÉVORA



ULRICO FALCÃO GALAMBA



A COLECÇÃO DE ARMAS DO MUSEU DE ÉVORA

Ulrico Falcão Galamba

O Museu de Évora tem em sua posse uma colecção de armas relativamente grande que se tem mantido largamente desconhecida. Trata-se de algumas armas que pertenciam à antiga colecção de antiguidades da Bibliotheca d'Évora e outras provenientes de colecções privadas ou antigas escavações que têm sido incorporadas através de doações ou legados, e acrescentadas à secção de armaria da base de dados do museu. Várias áreas cronológicas são abrangidas pela colecção. O conjunto de armas mais antigas inclui peças dos períodos pré e proto-históricos do Calcolítico, Idade do Bronze e Idades do Ferro, e também do período da República e Alto Império Romanos. O grupo mais recente conta com um grande número de exemplares da Idade Moderna e Contemporânea, desde o século XVII até o XIX, contando com armas brancas e armas de fogo. Ausente está o Baixo Império Romano e todo o período Medieval, alto e baixo, que não são representados por uma única peça neste conjunto. Assim existe uma lacuna de cerca de 15 séculos entre as cronologias mais aproximadas destes dois grupos principais. Não se estranha a interrupção, visto que ocupa um período em que o registo arqueológico, em particular no que respeita ao armamento, se torna mais escasso.

Apesar deste entremeio, a colecção ainda reúne um número considerável de peças com uma diversidade apreciável, suficiente para garantir o seu interesse como objecto de estudo. Além de que possui também um pequeno grupo de armas africanas datando do século XIX. Levadas das suas terras nativas pelas forças coloniais, a proveniência exacta destas peças é largamente desconhecida. De qualquer modo, este conjunto é um complemento interessante à

coleção que, de outro modo, seria quase exclusivamente composta de peças do continente europeu.

Com isto, temos um conjunto com o total de 102 peças que estão divididas num catálogo de quatro secções. A primeira, intitulada Armas Ante-Medievais, trata das armas pré e proto-históricas e romanas, incluindo pontas de flecha e de lança, fragmentos de punhais, espadas, guarnições de bainhas e projecteis de funda. A segunda secção, Armas Brancas Modernas e Contemporâneas, inclui as espadas, sabres, punhais e armas de haste dos séculos XVII, XVIII e XIX. A seguir, a secção de Armas de Fogo abrange as pistolas, espingardas e baionetas do mesmo período. Finalmente, na secção de Armas Tribais Africanas estão as lanças, azagaias, flechas e outras peças vindas do continente africano. Dentro de cada secção, as peças estão organizadas por ordem cronológica, começando com as mais recuadas e progredindo para as mais recentes, com algumas excepções devido a necessidade ou conveniência.

A intenção deste trabalho é estudar e analisar as peças nesta coleção como objectos funcionais e como os utensílios bélicos que são. Ao longo dos textos que se sequeem e no catálogo em si, serão delineados os aspectos técnicos das armas em questão, as suas diferenças e semelhanças, o propósito que servem e até as alterações sofridas. Quando necessário, será também analisada a proveniência e cronologia das peças ou os seus variados componentes e os elementos que levaram à sua identificação. A intenção aqui é sobretudo de exibição, identificação e, com alguma esperança, divulgação desta coleção desconhecida.

A IDEIA

Desde as armas calculíticas às contemporâneas, o método de investigação e análise de todos os materiais foram feitos de uma perspectiva arqueológica. Independentemente do seu período cronológico, todas as peças foram abordadas como elementos de uma única realidade, a do material bélico.

É importante assinalar esta abordagem devido ao facto de quando se trata de material enquanto alvo de estudo de pormenor; muitas vezes este é reduzido apenas aos vestígios ditos “arqueológicos”, no sentido muito restrito da palavra, ou seja, aqueles provenientes de escavações, deixando de fora todo e qualquer material que não foi resgatado de um túmulo estratigráfico. No entanto, a maioria das armas na coleção aqui tratada não se inserem nesta categoria. O que não se pode perder de vista é que a arqueologia engloba uma miríade de

processos e que não se devia reduzir a um sinónimo de escavação e nada mais. Não é só lógico que colecções deste género caíam sobre o domínio da arqueologia, como também é necessário. Se admitimos que o domínio da arqueologia é o concreto, o palpável e medível, não podemos excluir do seu estudo colecções como esta, em que a maioria das peças não provém de escavações. É necessário evitar o que tem vindo a acontecer em muitas instâncias, que é permitir que estas colecções se tornem, erroneamente, alvo de estudo unicamente na área de História de Arte. Diz-se erroneamente porque uma arma não é uma peça artística, não foi concebida como tal e não é esse o seu propósito. Estudar um objecto funcional como se tratasse de um adorno estético induz, naturalmente, em erro. Esta é uma das principais razões pela maioria das falhas no conhecimento técnico do armamento de todos os períodos e até de vários erros na atribuição de cronologias.

A realidade com que nos deparamos é simples: as colecções de armas, largamente ignoradas como objecto de estudo, quando se tornam alvo de análise são abordadas do ponto de vista de uma disciplina em que o armamento não se insere. Consequentemente, as armas existentes em museus estão geralmente organizadas em duas super-categorias: a de Arqueologia, quando se trata, naturalmente, de peças escavadas; e a de Artes Plásticas e Artes Decorativas quando se trata de armas tardo-medievais, modernas e contemporâneas que têm sido preservadas, normalmente como parte de colecções privadas. Erros de percepção como estes perpetuam o relativo desconhecimento e o desinteresse pelo armamento como as peças de produção bélica que realmente são. Dado o tremendo papel do conflito bélico no desenvolvimento da história, o conhecimento do material com o qual a guerra é conduzida é indispensável para a compreensão da maneira como o combate se desenvolve e as consequências que ele traz.

Para além da importância e necessidade de estudar as colecções de armas que têm sido ignoradas até agora, certamente podemos encontrar outras colecções, em museus, colecções privadas ou depósitos arqueológicos que também têm sido esquecidas ao longo do tempo. A produção arqueológica preocupa-se, de modo geral, com os resultados da investigação do seu próprio tempo. No entanto, existe uma grande quantidade de material, de todo o tipo e feitio, que nunca foi alvo de estudo aprofundado. Material proveniente de escavações de à muitas décadas, colecções de antiquários, etc. Há uma necessidade de procurar e identificar os casos individuais que se encaixam neste modelo e explorar as fontes de conhecimento que temos à ponta dos dedos mas que têm sido simplesmente esquecidas. A verdade é que não conhecemos o potencial desta realidade porque deixámos de conhecer o material. Sendo que uma crítica lançada contra a Arqueologia portuguesa é a da acumulação de peças sem o estudo

e produção científica que lhe deviam seguir, a proposta de estudo de colecções esquecidas ou ignoradas é uma maneira de corrigir esta situação e fazer com que a investigação avance consideravelmente. A produção resultante contribuirá para o nosso conhecimento e até poderá trazer conclusões inesperadas.

OBSERVAÇÃO

Para a realização do catálogo e da elaboração deste trabalho, todas as peças na colecção receberam um tratamento singular. Cada arma foi vista, analisada, medida e fotografada individualmente de modo a garantir uma apresentação com o maior pormenor possível. Todas as armas incluem no mínimo uma imagem de perfil, e na maioria dos casos, há uma ou mais imagens de pormenor para acentuar o seu aspecto ou para melhor evidenciar algum elemento em particular. Inscrições e punções são de especial interesse e aparecem bem evidenciadas. As medidas contam sempre com o comprimento máximo de uma peça, também como a sua largura e/ou espessura.

Outras medidas reflectem a natureza da arma em questão. Por exemplo, no caso de uma espada ou sabre, são dadas as dimensões da lâmina e da guarda, enquanto que no caso de uma arma de fogo é dado o comprimento do cano e o seu diâmetro/calibre. Existem vários outros elementos de interesse consoante a peça. A secção de uma lâmina, por exemplo, quando se trata de um punhal, espada, ponta de lança ou de flecha; ou o diâmetro do interior do encabadouro de uma arma de haste. Também é identificada, quando possível, a matéria-prima dos componentes que, na maioria dos casos, passa pelo bronze, aço, pelo latão e pela liga de cobre.

ASPECTOS TÉCNICOS

Tendo em conta a natureza deste trabalho, torna-se necessário dedicar alguma atenção à estrutura das armas em questão e a terminologia dos seus componentes. Algumas das peças mais simples, como as pontas de flecha ou de lança, são descritas de modo a que o vocabulário, mesmo que uma pessoa não esteja familiarizado com ele, seja aparente só a partir da imagem e do texto descritivo. Todavia, este não é o caso das espadas e das armas de fogo. Estas peças exibem uma complexidade estrutural que obriga uma análise individual dos seus elementos.

A ESPADA:

A lâmina de uma espada é uma peça cuja simplicidade exterior esconde a complexidade de relações entre forma e função. As duas espadas mais antigas desta coleção, os n.ºcat.006 e n.ºcat.009, exemplificam bem o formato mais comum das lâminas da idade do bronze, sendo lisas, de tamanho curto a médio com aresta central e secção em diamante. Ao longo dos séculos o formato das lâminas evoluiu em função do propósito para que eram concebidas e em directo diálogo com o armamento de defesa da sua época, passando pelas espadas ligeiras da idade do ferro e do domínio romano, para as lâminas largas e compridas do período das migrações, e seguidamente para as lâminas de estoque tardo-medievais. É lógico que as tendências das várias épocas nunca reflectem a prática na sua totalidade e estes exemplos são uma mera introdução ao que se pode considerar as maiores alterações no feitio destas armas. O que é certo é que com todo o complexo desenvolvimento das espadas através dos séculos, podemos, como observadores, distinguir dois principais formatos de lâmina, cada um concebido com um propósito diferente e muito específico:

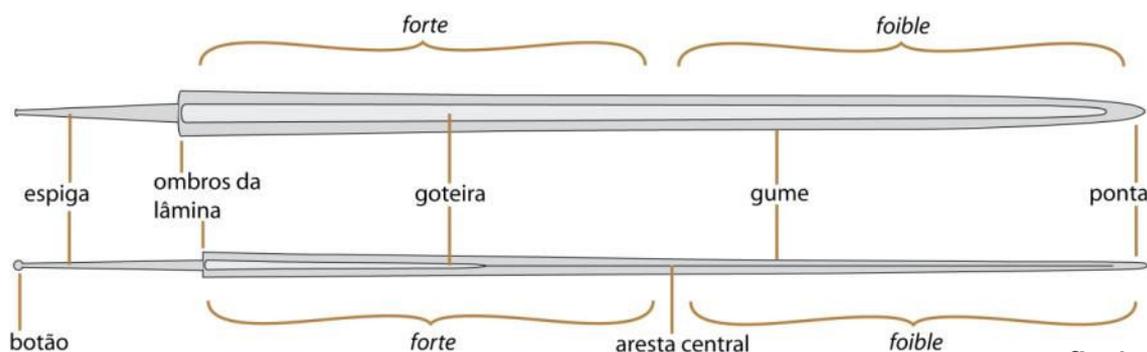
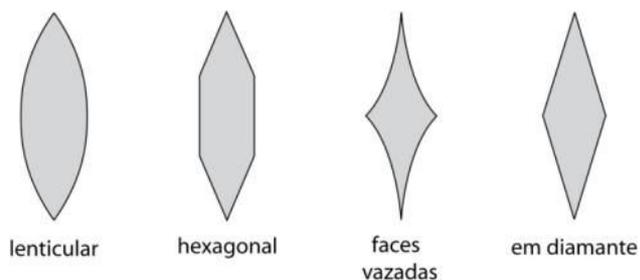


fig.1

desenhos modelados a partir de n.ºcat.051 e n.ºcat.043

Os desenhos da fig.1 ilustram estes dois formatos principais no traçado de uma lâmina. A primeira é uma lâmina concebida essencialmente para o jogo de cutilada. É relativamente larga com gumes quase rectos e ponta ogival. A goteira larga cumpre uma dupla funcionalidade. Primeiro, a ausência de matéria no espaço vazio criado pela goteira torna a arma mais leve e fácil de manusear. Segundo, a presença da goteira garantir a flexibilidade da lâmina evitando uma eventual quebra devido ao stress exercido pelo impacto contra um alvo. A segunda lâmina é uma concebida para o jogo de estoque. É esguia com um estreitamento acentuado e uma ponta aguçada. Possui uma goteira muito estreita e apenas no primeiro terço do seu comprimento, a partir da qual passa a ter uma secção em diamante que mantém a estrutura rígida, seguindo uma lógica diferente da lâmina anterior. Esta rigidez anula a flexibilidade garantindo assim um óptimo controlo da ponta e uma força superior de penetração.

Como se pode ver, as diferenças entre o intento destes dois exemplos transmitem-se logicamente para uma diferença em traçado e feitio. A diferença em largura das lâminas de cutilada em relação às de estoque é óbvia, mas é com a observação individual que também se torna aparente a sua diferença de rigidez. Isto resulta de uma variação de secções e de espessuras.



A fig.2 ilustra as secções de lâmina mais comuns. Nota-se bem a diferença entre espessura entre a secção em diamante e a de goteiras largas. No entanto, isto não quer dizer que uma espada com lâmina de secção lenticular ou em diamante não possa ser



fig.2

flexível. A flexibilidade resulta da relação física entre a secção e a espessura. Uma lâmina com secção em diamante, se tiver uma espessura reduzida, conserva alguma flexibilidade.

Tendo delineado estas vertentes, é importante salientar que estas são as linhas evolutivas de dois extremos de funcionalidade que apresentam apenas os limites do espectro. Pelo meio existe todo o tipo e feitio de variações. Há muitas armas nesta colecção que se inserem no grupo das chamadas armas de corte e estoque, onde as condições de ambos jogos

se consolidam numa arma; como, por exemplo, numa lâmina com estreitamento acentuado, larga e flexível no seu *forte*, mas rígida e estreita no seu *foible*.

Uma última palavra sobre a estrutura das lâminas: Como seria de esperar, em todos os exemplos da secção Armas Brancas Modernas e Contemporâneas, tanto em sabres como em espadas, a estrutura é aquela estabelecida pela cultura de La Tène evidenciada pelo n.ºcat.009. da secção de Armas Ante-Medievais. As lâminas têm todas uma espiga que se estende da porção superior da folha principal e à qual se fixa a empunhadura. O pomo, peça final na estrutura da empunhadura, é atravessado pela espiga, que depois é batida a quente e limada até ficar polida contra a superfície do pomo ou afeiçãoada de modo a criar um botão sobre ele. Todavia, algumas espadas mais tardias apresentam um *terminus* da espiga em forma de parafuso destinado a receber um pomo que seria literalmente enroscado a ela.

As empunhaduras das espadas são o componente com maior variação tipológica por serem um reflexo das necessidades, do tempo e da região, sendo determinadas pelas exigências da funcionalidade e dos costumes. Em relação às espadas e sabres na terceira secção do catálogo, há três tendências que se repetem várias vezes: guardas de copos-de-tigela em espadas de corte e estoque, guardas de conchas em espadins curtos, e guardas simples ou de varetas em espadas e sabres. As guardas de copos-de-tigela representam um desenvolvimento das empunhaduras relativamente complexo mas eficiente. É uma evolução da guarda de laço do século XVI, dando a mesma protecção à mão do manuseador mas com uma disposição mais simples e mais fácil de fabricar. Este género de guarda foi muito usada na Península Ibérica nos séculos XVII e XVIII. A fig. 3 mostra a disposição dos componentes da guarda e as suas denominações. Neste desenho a lâmina

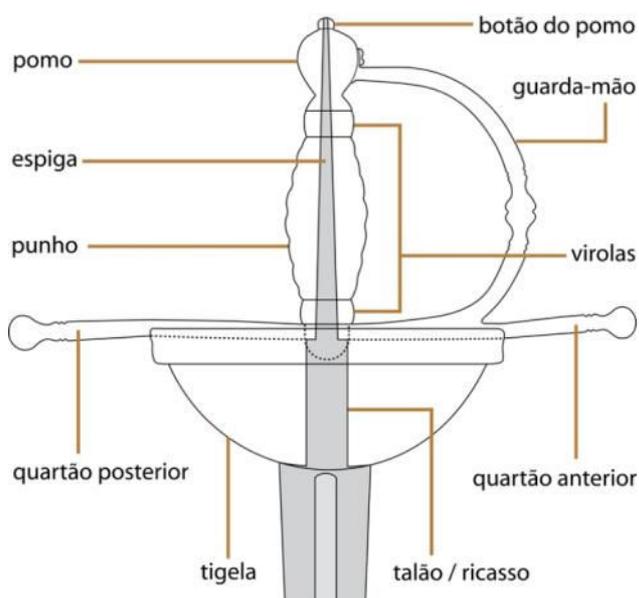


fig.3
desenho modelado a partir do n.ºcat.029

e a sua espiga também estão salientadas para ilustrar o modo em que toda a estrutura da guarda encaixa à sua volta. É importante dizer que no n.ºcat.029 a forma de fixação do pomo não é imediatamente aparente. Não sendo claro se este é um pomo de enroscar ou se a espiga atravessa-lhe na totalidade, optou-se por representar a segunda possibilidade, pois é a configuração mais comum e mais resistente.

As guardas de conchas não diferem muito das de copos de tigela. A disposição é essencialmente a mesma, com algumas diferenças importantes. Em vez de uma tigela ligada aos quartões, possuem um copo composto por duas conchas, uma de cada lado da lâmina. Por vezes a colocação das conchas é feita através de um suporte abaixo da guarda ou através de quartões inferiores que criam duas argolas entre os quartões principais e a lâmina e que servem de apoio para o copo. Noutros exemplos as conchas fazem parte integral da guarda e são forjadas com ela em peça única.

As guardas de varetas e os guarda-mãos simples foram utilizados nos séculos XVIII e XIX em espadas e em sabres e constituem uma inclinação para guardas bastante mais simples e económicas do que os seus predecessores. Encaixam no período de transição entre o período moderno e o contemporâneo, altura em que se padronizava o material bélico. As armas com

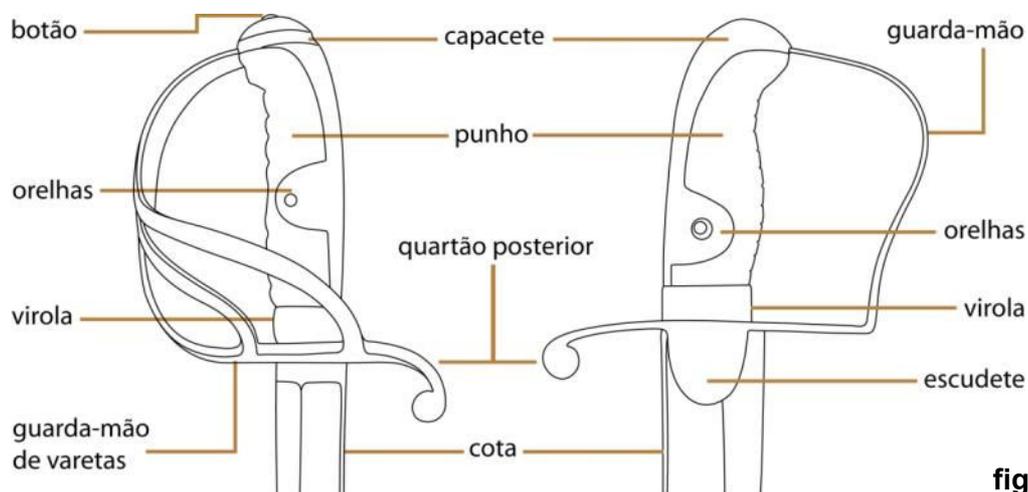


fig.4
desenhos modelados a partir do nºcat.068 e do nºcat.055

estas guardas obedecem a modelos estabelecidos pelos exércitos e são produzidas de forma e feitio iguais e em grandes números.

Na fig.4 está representada uma guarda de varetas e uma guarda simples com guarda-mão, quartão e escudetes. Ambas possuem capacete com orelhas e uma virola inferior, e quartões posteriores enrolados no sentido da lâmina. As lâminas são ambas de gume único. Na empunhadura do nºcat.068 é visível o botão da lâmina sobre o capacete do punho.

ARMAS DE FOGO:

As armas de fogo nesta coleção representam já um período mais avançado do desenvolvimento destas armas, datando dos séculos XVII a XIX. Podem ser divididas também em três grupos distintos em função do mecanismo de disparo utilizado: as armas de fecho de pedreireira, as de fecho de percussão e as de munições de cartucho. O primeiro, o grupo dos

fechos de pedreireira, mostra alguma variedade na tipologia de mecanismos mas ao mesmo tempo mantém evidenciada a tendência caracterizada pela inovação que, no século XVII, suplantou a antiga tecnologia dos fechos de serpentina e de roda. Embora sejam tipologicamente diferentes, os fechos representados no catálogo partilham todos desta mesma disposição básica.

A fig.5 mostra um fecho de pedreireira do século XVII conhecido por “fecharia armada à romana”, enquanto que a fig.6 mostra um fecho de patilha dos séculos XVII e XVIII. Embora todo o conjunto de movimentos e acções das peças envolvidas seja algo complexo, a acção essencial para o disparo de uma arma de fogo pode-se resumir de modo relativamente simples. Estes dois fechos de disposição muito semelhante seguram um fragmento de sílex, conhecido por pedreireira, entre os dentes de um braço móvel, designado de *cão*, que é mantido em tensão através de uma *mola real*. Quando o gatilho é pressionado, liberta o *cão* que, movido pela força da *mola real*,

abate sobre uma peça metálica vertical designada *fuzil*. O *fuzil* é uma peça móvel que serve também como a tampa da *caçoleta*, o espaço que recebe uma pequena carga de pólvora para ignição e que tem ligação directa com a câmara de disparo através de um ouvido. Quando a pedreireira cai sobre o *fuzil*, produz uma série de chispas e obriga o *fuzil* a levantar, dirigindo as faíscas sobre a *escorva*, assim inflamando a pólvora que nela se encontra e a carga na câmara de disparo do cano.

A fig.7 mostra um exemplo do mais disseminado e comum dos tipos de fecho de pedreireira, o chamado “fecho à francesa”. É

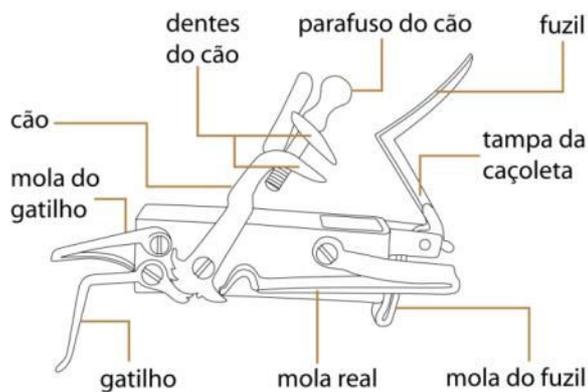


fig.5

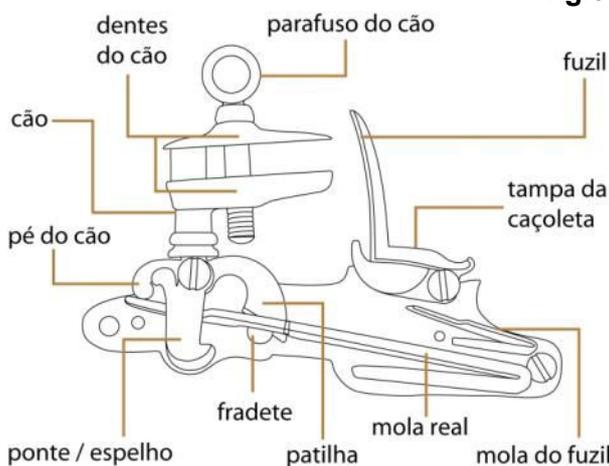


fig.6

desenhos modelados a partir do n.ºcat.079 e do n.ºcat.082

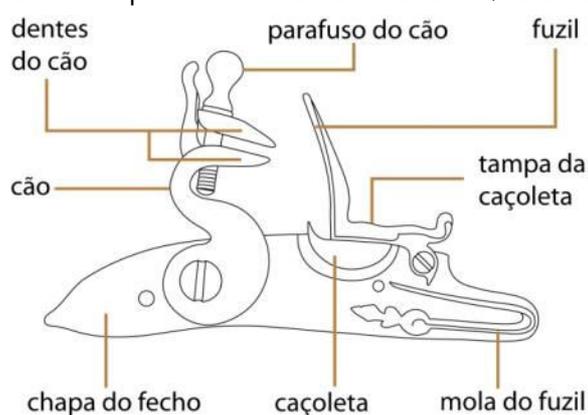


fig.7

desenho modelado a partir do n.ºcat.081

uma configuração simplificada em que a mola real encontra-se do lado oposto da chapa, o que a coloca no interior da coronha da arma, juntamente com o mecanismo do gatilho. O facto de a mola real e o pé do cão se localizarem no interior da coronha faz com que seja menos provável que estes sofram alguma danificação, tornando esta disposição mais fiável do que as suas

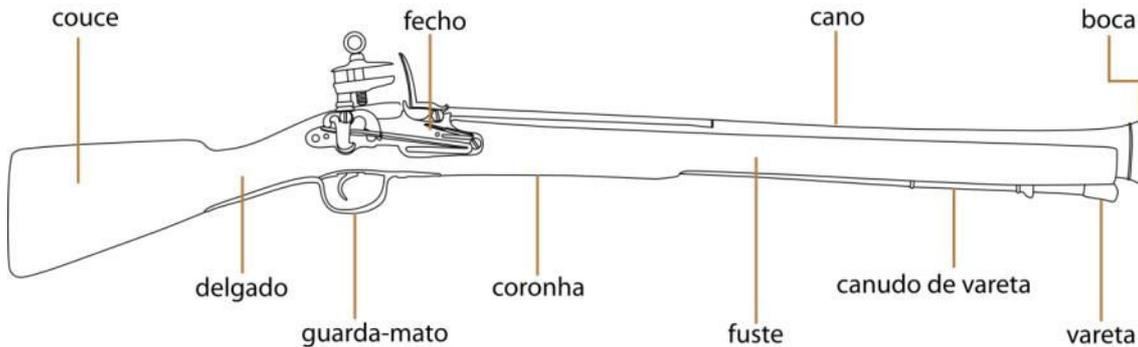


fig.8
desenho modelado a partir do n.ºcat.082

contemporâneas.

A fig.8 mostra um bacamarte, n.ºcat.082, armado com um fecho de patilha e ilustra os diferentes componentes comuns a armas longas. É evidente a posição do fecho em relação ao cano.

O fecho de percussão veio substituir o fecho de pedreira na primeira metade do século XIX. O sistema era semelhante e usava os mesmos princípios físicos mas com algumas alterações importantes. O fecho de percussão substituiu a caçoleta e o fuzil por uma chaminé é uma borracha, e o cão com dentes para segurar o



fig.9
desenho modelado a partir do n.ºcat.086

sílex por um cão cuja extremidade encaixava à volta da chaminé (fig.9). O disparo era conseguido através de cápsulas providas de um fulminante que também encaixavam sobre a chaminé. Esta pequena carga de fulminante era constituída por elementos voláteis que explodiam ao ser exercida demasiada força ou quando sofriam um impacto brusco. Este impacto era exercido pelo cão

que, ao cair sobre a cápsula,

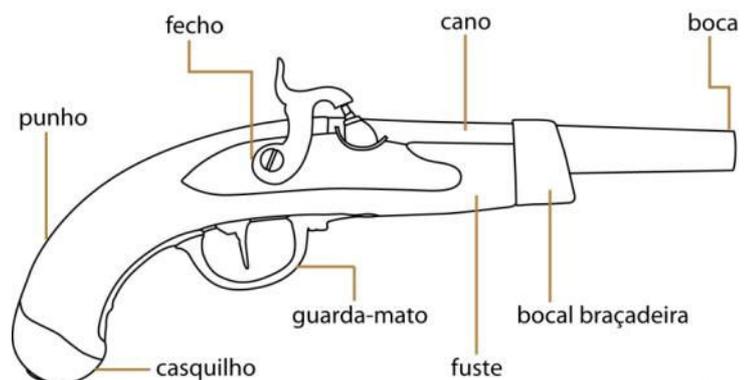


fig.10
desenho modelado a partir do n.ºcat.084

reventava o fulminante cuja chama passava pela chaminé, atravessava o ouvido do cano e detonava a pólvora na câmara de disparo. Entre as vantagens deste mecanismo está o facto de ele ser muito menos susceptível a alterações pelo meio ambiental do que os seus predecessores, e a facilidade com que um fecho de pedreneira se convertia a um fecho de percussão. A fig.10 mostra uma pistola francesa de 1786 cujo fecho foi alterado por um de percussão. O cão foi substituído enquanto que a caçoleta e fuzil foram removidos e no seu lugar colocado uma borracha e chaminé.

Finalmente, o catálogo conta com apenas duas armas que usam munições de cartucho, o n.ºcat.88 e o n.ºcat.89. A primeira, um revolver de estilo “pepperbox” usa um tipo de munição designado por sistema Lefauchaux, que utiliza uma haste percutora para detonar o fulminante dentro do cartucho. A peculiaridade desta munição é que a haste, ou espiga, não se encontra na base do cartucho, mas atravessa o corpo deste e estende-se lateralmente para o exterior do cilindro. A segunda arma neste grupo é uma carabina Mauser de 1896 que usa munições de fogo central, as mesmas munições que hoje em dia continuam a ser utilizadas nas armas de fogo.

AS ARMAS

Um aspecto interessante desta colecção é o cariz comum das peças em todas as secções. Com a excepção de alguns espadins de corte, não se apresentam aqui armas de aparato ou de ostentação. São objectos funcionais, utensílios bélicos destinados para combate e, em muitos casos, mostram o seu uso. Este é um grande contraste com muitas, senão a maioria, das colecções em Portugal onde muitas das armas têm um cariz nobre. Desde as evidências de impacto nos projecteis de funda romanos, aos danos nos gumes das espadas e sabres, e aos fechos de pedreneira convertidos para percussão, a história passada pelas peças nesta colecção é óbvia.

Na identificação das peças o primeiro elemento, e o mais importante, é o feitio, o traçado da sua forma. Isto permite a sua caracterização através de comparação com peças semelhantes ou, idealmente, iguais. Muitas peças na colecção foram identificadas deste modo, como as pontas de flecha trilobadas e os projecteis de funda, ou as espadas e sabres inglesas como também algumas armas de fogo.

Duas das espadas, os n.ºcat.033 e n.ºcat.035, foram classificadas como rapières pelo seu traçado. Esta é uma designação que por vezes é usada incorrectamente e portanto torna-se necessário esclarecer a sua definição. Um rapière é uma arma de estoque, com uma lâmina comprida, rígida, muito esguia e aguçada para maximizar a sua capacidade de ferir de ponta. Normalmente possuem guardas de laço ou de copos de tigela. São armas dos séculos XVI e XVII, muito utilizadas na Península Ibérica. Também é interessante que das três peças do catálogo designadas como espadas de sete palmos (n.ºcat.033, n.ºcat.034, n.ºcat.035), duas são os rapières. Uma espada de sete palmos, também conhecida como “fora de marca”, é assim designada porque excede o limite de cinco palmos (110cm), incluindo lâmina e empunhadura, estabelecido por lei em 1539 por D. João III.

Todavia, existem outros elementos indispensáveis, para além do feitio, na identificação de algumas armas, da sua proveniência, ou da sua cronologia. O n.ºcat.084, por exemplo, foi identificado como uma pistola francesa, modelo AN XIII do ano 1786, pelo seu traçado. No entanto, o reconhecimento do seu local de produção veio através da inscrição na chapa do fecho. Ao longo da elaboração do trabalho, a pesquisa revelou várias armas do centro de produção de Charleville-Mézières, na zona de Ardenes. Algumas fontes americanas atribuem mesmo a designação de “Charleville muskets” a uma série de armas longas produzidas neste centro a partir dos quais modelaram as suas próprias armas. Normalmente, o nome Charleville

estava inscrito no fecho destas armas. Foi através de estas informações que foi possível identificar a inscrição no fecho do n.ºcat.084 como “Manuf^e Imp de Charleville”.

De modo semelhante, os n.ºcat.080 e n.ºcat.081 foram identificados através da assinatura do armeiro e de uma marca de prova, ambas nas chapas dos fechos. Atrás do cão, existe a assinatura “LOVIS CARRIER”, enquanto que entre o cão e a caçoleta há uma marca de prova composta pelas letras “B” e “C” divididas por duas linhas cruzadas e encimada por uma fleur-de-lis. O nome do armeiro, Louis Carrier, indica que este par de pistolas de arção é proveniente de outro centro de produção francês, o de Saint-Étienne no Loire; e a marca de prova de *Barallon* e *Carrier* coloca-as na última década do século XVII.

Em termos de representatividade de um centro produtivo através de inscrições e estampas, o centro de Solingen tem uma presença considerável na secção de Armas Brancas Modernas e Contemporâneas. A cidade alemã, localizada no actual estado de *Nordrhein-Westfalen*, é famosa pela produção de armas brancas de grande qualidade já à muitos séculos. Existem seis espadas nesta colecção com a palavra SOLINGEN, ou SOLINGIN, inscrita nas suas lâminas e duas outras que se suspeita terem sido lá produzidas, o n.ºcat.043 e n.ºcat.064.

A inscrição na goteira da lâmina do n.ºcat.043 é perceptível como o nome de um armeiro do qual se distingue apenas o primeiro nome, HEINRICH; e considerando a cronologia da peça, é muito provável que se trate de um armeiro da zona de Solingen. O n.ºcat.064 também possui o nome de um armeiro, o de ANDREA FARARA.

De facto existiu um armeiro muito conhecido na Península Itálica da segunda metade do século XVII chamado Andrea de Ferari, cujas lâminas eram famosas pela sua qualidade e têmpera excepcionais. Tão conhecido era que o seu nome tornou-se sinónimo desta qualidade. Por esta razão, nos anos a seguir à sua morte muitas lâminas produzidas em Solingen eram estampadas com o seu nome, ou uma corrupção dele, como Ferara ou Farara. Durante a pesquisa, foi possível encontrar referência a várias espadas com estas inscrições, mas com uma particularidade, eram todas espadas escocesas de guarda de cesto. As fontes inglesas afirmam mesmo que as lâminas de Solingen com o nome de Ferara ou Farara eram maioritariamente destinadas à Escócia porque foi nessa região onde mais se tomou o nome como sinónimo de qualidade. É impossível determinar se este é o caso do n.ºcat.064 porque a guarda que possui não é a original; ela data do século XIX enquanto que a lâmina data da primeira metade do século XVII.

Isto reflecte outro aspecto de algumas peças na secção de Armas Brancas. Várias delas têm componentes de áreas geográficas distintas ou de séculos diferentes. De modo geral é um reflexo da prática de importação de lâminas de grandes centros produtivos (como Solingen) que,

depois de chegadas ao seu destino, seriam completadas com guardas consoante a moda ou hábito prevalente. Isto acontece na altura de produção da lâmina como também podia acontecer de novo muitos anos depois. Na eventualidade de uma quebra na guarda, ou mesmo por opção do dono, a lâmina seria guarnecida de uma nova guarda, outra vez em função da moda prevalente. Uma espada de boa qualidade poderia passar de geração para geração ao longo de alguns séculos, o que explica a presença de guardas do século XIX em lâminas do século XVII.

Embora este modelo seja aplicável à maioria dos casos de reutilização, há um exemplo no catálogo que contraria esta lógica. O n.ºcat.040 é composto de uma lâmina de finais do século XVIII com uma guarda do século XVII. A guarda está muito quebrada, restando apenas o guarda-mão, o punho e o pomo, e pertenceria a uma espada de copos de tigela. Neste caso assume-se que foi a lâmina antiga que sofreu uma quebra e foi substituída. O estado da guarda também levanta a possibilidade de ela ter sido cortada propositadamente para melhor se adaptar à sua nova lâmina.

Substituição de componentes também acontece com as armas de fogo. Já foi analisada a prática de converter armas com fechos de pedreneira para fechos de percussão. Nesta colecção existem dois exemplos de fechos convertidos. O primeiro, n.ºcat.084, também já discutido, é um óptimo exemplo de modificação de um fecho à francesa em que um novo cão é colocado e a caçoleta e fuzil são substituídos por uma borracha e chaminé. Contrariamente, o n.ºcat.085 é um caso mais raro de conversão. O fecho era originalmente de patilha. A caçoleta e fuzil são substituídos do mesmo modo que o exemplo anterior, mas o cão, devido ao modo de funcionamento do fecho, não é tão facilmente substituído. Foi necessário alterá-lo, e assim recebeu um novo *terminus*, retendo, no entanto, a patilha e o pé para continuar a funcionar na sua disposição original.

Como apontamento final no conjunto de armas alteradas, temos duas espadas que foram cortadas durante o seu período de uso de modo a criarem punhais improvisados. A primeira, n.ºcat.026, data do século XVII e tem uma lâmina larga que se deve ter quebrado. Foi afeiçoada uma nova ponta, embora de modo bastante desalinhado. Os quartões também foram dobrados, o anterior em sentido do punho e o posterior em sentido da lâmina, para diminuir o seu tamanho. A segunda peça é um sabre inglês do século XVIII que deve ter sofrido o mesmo destino. O seu afeiçoamento foi feito com maior qualidade e o gume actual curva gradualmente ao encontro da cota da lâmina. Actualmente ocupa uma bainha que não é a original.



ARMAS ANTE-MEDIEVAIS

Lâmina de Faca

nºcat.001

cronologia: Período Calcolítico [cerca 2500-1800 a.C.]

proveniência: Anta Grande do Zambujeiro, Évora

número de inventário: ME7345

dimensões:

comprimento total:..... 14.4cm

máxima largura:..... 4cm

máxima espessura:..... 3mm

Possível lâmina de faca em cobre ou liga de cobre do período Calcolítico. Folha lisa com extremidades arredondadas. Lâmina sem espiga, seria fixa a um punho através de um furo na extremidade inferior.



Ponta de Lança Canelada

nºcat.002

cronologia: Idade do Bronze Tardia [1200-700 a.C.]

proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME7293

dimensões:

comprimento total:..... 19.8cm

máxima largura:..... 2.9cm

máxima espessura:..... 1.7cm

diâmetro de encaixe:..... 1.3cm

Ponta de lança em bronze. Lâmina em forma de folha com gumes curvilíneos nas extremidades. A canelura do encabadouro e as duas caneluras laterais que a ladeiam estendem até à ponta da lâmina. Os gumes estendem até à base do encabadouro.



Ponta de Flecha

nºcat.003

cronologia: séculos XXVIII – IX a.C.

número de inventário: ME8997

proveniência: Alcáçovas [?]

dimensões:

comprimento total:..... 9.9cm

máxima largura:..... 2cm

máxima espessura:..... 4mm

Bronze. Ponta ogival com espiga. Gumes ligeiramente curvilíneos e faces lisas.



Ponta de Flecha

nºcat.004

cronologia: séculos XXVIII – IX a.C.

número de inventário: ME8998

proveniência: Desconhecida

dimensões:

comprimento total:..... 6.6cm

máxima largura:..... 1.5cm

máxima espessura:..... 4mm

Bronze. Gumes curvilíneos, ponta arredondada e espiga comprida. A aresta central dá-lhe uma secção em diamante.

Ponta de Flecha

nºcat.005

cronologia: séculos XXVIII – IX a.C.

número de inventário: ME8999

proveniência: Desconhecida

dimensões:

comprimento total:..... 5.2cm

máxima largura:..... 1.7cm

máxima espessura:..... 2mm

Bronze. Ponta triangular com farpas em ambos os lados da sua base. Gumes rectos e uma aresta central pouco acentuada. A espiga é quadrangular.



Espada de Bronze

nºcat.006

cronologia: Idade do Bronze Tardia [cerca 1200-700a.C.]

proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME7292

dimensões:

comprimento total:..... 43.9cm

máxima largura:..... 5.6cm

máxima espessura:..... 1.2cm



Espada da Idade do Bronze Tardia (cerca 1200-700a.C.).
Peça única em bronze fundido através de um molde.
Lâmina de gumes rectos, com aresta central em todo o comprimento e ricasso na sua base, junto à guarda.

Guarda largamente côncava e com três espaços vazios para a fixação de um punho, provavelmente em madeira ou osso.

Provavelmente uma peça da coleção de Biblioteca de Évora



Ponteira de Bainha

nºcat.007

cronologia: Idade do Bronze Tardia [1200-700 a.C.]

proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME7361

dimensões:

comprimento total:..... 3.8cm

máxima largura:..... 2.4cm

máxima espessura:..... 5mm

Fragmento de ponteira de bainha em bronze. Em forma triangular invertida com lados curvos, terminando num pequeno botão. Tem uma decoração recortada no centro da peça.



Ponteira de Bainha

nºcat.008

cronologia: Idade do Bronze Tardia [1200-700 a.C.]

proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME7366

dimensões:

comprimento total:..... 3cm

máxima largura:..... 2cm

máxima espessura:..... 4mm

Fragmento de ponteira de bainha em bronze ou liga de cobre. Forma quadrangular, alargando na extremidade superior e com lados que curvam para dentro. Possui decoração incisa em forma de pontilhado, pequenos traços, linhas cruzadas e espirais.



Espada de Bronze

n.ºcat.009

cronologia: séculos VI – III a.C.

proveniência: Herdade das Casas, Redondo

número de inventário: ME8505

dimensões:

comprimento total (desdobrado):.....c.66cm

máxima largura:.....c.4cm

máxima espessura:.....c.6mm

Lâmina de espada em bronze com perfil típico da cultura de La Tène (a partir do século VI a.C.) da Idade do Ferro. Lâmina de gumes rectos, estreitamento gradual e aresta central. Teria uma secção em diamante e terminaria provavelmente numa ponta mais ou menos ogival.

A espiga da lâmina, uma das características das armas da cultura de La Tène divulgada e adoptada como a técnica preferencial de construção é aqui bem aparente.

A degradação da peça é considerável em toda a superfície e em particular ao longo dos gumes.



Fragmento de lamina

nºcat.010



cronologia: 2000 – 1000 a.C.

proveniência: Anta da Velada das Éguas, Évora

número de inventário: ME8865

dimensões:

comprimento total:..... 3.8cm

máxima largura:..... 2.1cm

máxima espessura:.....3mm

Fragmento de lâmina em bronze ou liga de cobre. Ponta de punhal ou espada de dois gumes e com secção hexagonal.

Fragmentos de Lâmina (19)

nºcat.011

cronologia: século VI – I a.C.

proveniência: Necrópole das Casas, Redondo

número de inventário: ME8782

dimensões: (fragmento apresentado)

comprimento total:..... 12.2cm

máxima largura:..... 2.7cm

máxima espessura:.....8m

Dezanove fragmentos de uma lâmina em ferro pertencente a uma espada ou punhal. Apresenta-se aqui o fragmento maiores dimensões e de maior leitura gráfica.

É provável que se trate de outro exemplo de armamento no traço da cultura La Tène.





Fragmento de Bainha com Lâmina n°cat.012

cronologia: 2ª Idade do Ferro
proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME7364

dimensões:

comprimento total:..... 13.8cm
máxima largura:..... 6.3cm
máxima espessura:..... 1.4cm

Fragmento de bainha em cobre ou liga de cobre com porção de lâmina em ferro. A bainha é composta de quatro folhas metálicas: uma na face anterior, outra na posterior, e duas laterais que seguram o conjunto. A face anterior está decorada com fiadas de "mamilos".

Ambas as peças mostram avançada corrosão, em particular a lâmina.

Provavelmente uma peça da coleção da Biblioteca de Évora.

Pontas de Flecha Trilobadas n°cat.013 | n°cat.014

cronologia: Período Romano
proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME7368

dimensões:

comprimento total:..... 2.4cm
máxima espessura:..... 7mm
diâmetro de encaixe:..... 5mm

número de inventário: ME7369

dimensões:

comprimento total:..... 2.4cm
máxima espessura:..... 7mm
diâmetro de encaixe:..... 5mm



ME7368



ME7369

Duas pontas de flecha romanas. Ambas em bronze e de formato trilobado. Têm a mesma forma cônica com três faces distintas divididas por arestas. São de secção triangular. O n°cat.013 está relativamente completo; o n°cat.014 está mais corroída e tem a ponta quebrada.

Pontas de Flecha n.ºcat.015 | n.ºcat.016 | n.ºcat.017

cronologia: século I a.C. – I d.C.
proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

número de inventário: ME8927

dimensões:

comprimento total:..... 8.3cm
máxima espessura:.....7m

número de inventário: ME8928

dimensões:

comprimento total:..... 12.1cm
máxima espessura:.....6mm

número de inventário: ME8936

dimensões:

comprimento total(dobrado):.....9.5cm
máxima espessura:.....6mm

Três pontas de flecha do período romano. Todas em ferro com secção quadrangular e estreitando em direcção das extremidades.

Cerca de dois terços do comprimento de todos os exemplos mostram um nível de corrosão maior do que o terço superior. Presumivelmente esta porção com maior grau de corrosão será o segmento que estaria enterrado na haste da flecha.



Glandes Plumbeæ

n.ºcat.018 | n.ºcat.019

n.ºcat.020 | n.ºcat.021

cronologia: século I a.C. – I d.C.

número de inventário: ME3757

proveniência: Anta Grande do Zambujeiro, Évora

dimensões:

comprimento total:..... 3.7cm

máxima espessura:..... 1.5cm



ME3757

número de inventário: ME8939

proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

dimensões:

comprimento total:..... 4.1cm

máxima espessura:..... 2cm



ME8939

número de inventário: ME8940

proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

dimensões:

comprimento total:..... 3.8cm

máxima espessura:..... 1.7cm



ME8940

número de inventário: ME8941

proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

dimensões:

comprimento total:..... 4.3cm

máxima espessura:..... 1.8cm



ME8941

Conjunto de quatro *glandes plumbeæ* (sing. *glans*), romanas. Constituem um dos vários géneros de projecteis de funda. Feitas de chumbo fundido num molde, têm um feitio alongado, alargando no centro e com duas extremidades pontiagudas. Os n.ºcat.018 e n.ºcat.020 têm um formato ovóide; o n.ºcat.019 tem um perfil em diamante; e o n.ºcat.021 tem um perfil hexagonal.

Todas as glandes têm uma concavidade lateral, sendo incerto se é uma característica própria e intencional ou se é resultado de impacto. No entanto, outras zonas de impacto reconhecíveis são visíveis numa extremidade do n.ºcat.018 e em ambas as extremidades do n.ºcat.020.

Ponta de Lança

nºcat.022

cronologia: séculos VIII a.C. – V d.C.

proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

número de inventário: ME8971

dimensões:

comprimento total:..... 32.2cm

máxima largura:..... 4.5cm

máxima espessura:..... 1.8cm

máximo diâmetro interior de encabadouro:..... 1.2cm

Ponta de lança em ferro forjado. Lâmina em forma de folha e secção em diamante com aresta central acentuada. O encabadouro certamente seria mais comprido do que aqui se apresenta. Retém, na maior parte, a sua forma original apesar da degradação superficial.



Ponta de Lança

nºcat.023

cronologia: séculos VIII a.C. – V d.C.

proveniência: Desconhecida

número de inventário: ME8972

dimensões:

comprimento total:..... 17.6cm

máxima largura:..... 2.5cm

máxima espessura:..... 1.8cm

máximo diâmetro interior de encabadouro:..... n/a

Ponta de lança em ferro forjado. Toda a peça mostra-se muito degradada sendo incerta a sua forma original. A lâmina tem aresta central e é provável que seria em forma de folha. Pouco resta do encabadouro.

No lado menos corroído tem colada uma etiqueta com a legenda: “arma Luzo-Romana / L. Bento. 1939.”; e o que parece: “Era^d Chr”

Ponta de Lança

nºcat.024

cronologia: séculos VIII a.C. – V d.C.

proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

número de inventário: ME8971

dimensões:

comprimento total:..... 16.3cm

máxima espessura:..... 2.6cm

máximo diâmetro interior de encabadoiro:..... 2cm

Ponta de lança em ferro forjado, com três faces rectas e pequenas farpas junto ao arranque do encabadoiro. A extremidade superior está quebrada. O encabadoiro é em forma de sino e está completo.



Ponta de Flecha/Lança

nºcat.025

cronologia: séculos VIII a.C. – V d.C.

proveniência: Castelo da Lousa, Mourão

número de inventário: ME8972

dimensões:

comprimento total:..... 20.4cm

máxima largura:..... 1.4cm

máxima espessura:..... 6mm

Ponta de flecha ou lança em bronze. Haste comprida e cilíndrica. Ponta triangular e achatada. Tem uma base côncava, criando duas farpas em ambos os lados da haste.

É difícil determinar se pertenceria a uma flecha ou a uma lança. O seu feito assemelha-se à ponta do *pilum* romano mas as suas dimensões adequam-se às de uma flecha





ARMAS BRANCAS
MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

Espada Cortada

n.ºcat.026

cronologia: inícios século XVII [?]

proveniência: desconhecida

número de inventário: ME1199

dimensões:

comprimento total:..... 57.8cm

comprimento da lâmina:..... 39.5cm

máxima largura da lâmina:..... 3.9cm

máxima espessura da lâmina:..... 7mm

máxima largura da guarda:..... 22cm



Espada de lâmina larga e cortada posteriormente, criando uma espécie de punhal. Tem goteiras estreitas com 24cm de comprimento, ambas com inscrições que parecem: “IN MENE”, embora sejam de leitura difícil.

A lâmina foi afeiçoada, de modo algo rudimentar e desalinhado, provavelmente depois de se ter quebrado. Também apresenta evidências de uso nos gumes danificados.

A guarda é em ferro com quartões inferiores em argolas ligadas na base da lâmina, servindo possivelmente de apoio para uma tigela removida ou quebrada (semelhante à guarda do n.ºcat.034). Os quartões principais foram também dobrados, o anterior em sentido do punho e o posterior em sentido da lâmina, provavelmente na mesma altura que se fez o corte da lâmina, assim diminuindo a largura da arma. O guarda-mão e os quartões possuem terminações trilobadas.

O punho é em osso, de secção quadrangular e com sulcos paralelos à espiga, guarnecido de uma virola superior de latão. O pomo é esférico e em madeira com o botão também em latão.

Espada de Copos de Tigela

n.ºcat.027

cronologia: século XVII

proveniência: guarda – Portugal [?], lâmina – Alemanha

número de inventário: ME1209

dimensões:

comprimento total:..... 90.3cm

comprimento da lâmina(quebrada):..... 73.5cm

máxima largura da lâmina:..... 3.5cm

máxima espessura da lâmina:..... 8mm

máxima largura da guarda:..... 25.2cm



Espada de Copos de Tigela com a lâmina quebrada perto da ponta. A lâmina é de secção hexagonal nos primeiros 15cm e o restante é de secção lenticular. Em ambas as faces tem a inscrição: “IN SOLINGIN”

O guarda-mão e a tigela são em ferro e o punho em madeira. A tigela é lisa com rebordo. Pomo tronco-cónico invertido com face superior saliente e botão pouco acentuado.

A lâmina apresenta várias evidências de uso para além da ponta quebrada, na forma de danos e sulcos nos gumes.



Espada de Copos de Tigela

n.ºcat.028

cronologia: 1630-1640

proveniência: Portugal [?], Espanha [?]

número de inventário: ME1210

dimensões:

comprimento total:..... 110cm

comprimento da lâmina(quebrada):..... 93.3cm

máxima largura da lâmina:..... 2.6cm

máxima espessura da lâmina:..... 7mm

máxima largura da guarda:..... 29.2cm



Lâmina comprida e estreita, de secção lenticular e ponta arredondada. Está ligeiramente dobrada e possui espaços de punção em ambas as faces. Estes espaços apresentam aplicações de metal amarelo (ouro?) e símbolos largamente ilegíveis.



O guarda-mão e tigela são em ferro e a tigela está danificada, mostrando uma série de furos. O punho é em madeira e falta-lhe, evidentemente, o seu revestimento, dado o espaço vazio entre a madeira e as virolas de latão. Pomo semiesférico com botão.

Espada de Copos de Tigela

nºcat.029

cronologia: cerca 1640

proveniência: Portugal [?], Espanha [?]

número de inventário: ME1224

dimensões:

comprimento total:..... 109.5cm

comprimento da lâmina:..... 91.5cm

máxima largura da lâmina:..... 3.7cm

máxima espessura da lâmina:..... 7mm

máxima largura da guarda:..... 25.2cm



Espada de lâmina recta, com dois gumes e goteiras de 23cm, a partir das quais passa a ter secção lenticular. As goteiras apresentam ambas a inscrição: “PU[...]IZ PELE PATRIA”.



A tigela, guarda e pomo são todos em ferro. A tigela é lisa com bordo rebatido. O pomo é periforme e facetado, com botão e encaixe para o guarda-mão.

O punho é em madeira com sulcos em espiral e com virolas em ferro.

Espada de Copos de Tigela

n.ºcat.030

cronologia: cerca 1650

proveniência: Portugal

número de inventário: ME1213

dimensões:

comprimento total:..... 105.2cm

comprimento da lâmina(quebrada):.....85.1cm

máxima largura da lâmina:..... 3.5cm

máxima espessura da lâmina:.....8mm

máxima largura da guarda:..... 21.8cm



Espada de copos de tigela com lâmina flamejante de secção lenticular. Na face dextra apresenta a inscrição: “VIVA EL REY”, e na sinistra: “DE PORTUGAL”.

Os gumes apresentam óbvios sinais de uso próximo da ponta.



A guarda é em ferro com quartões principais, guarda-mão e tigela lisa com rebordo rebatido. A guarda-mão está aparafusada ao pomo.

O pomo é periforme e facetado com botão e encaixe para o guarda-mão. O punho em latão é posterior, parecendo ter sido colocado no século XIX, e é decorado com meias-canas em espiral.



Espada de Copos de Tigela

n.ºcat.031

cronologia: século XVII

proveniência: Portugal

número de inventário: ME1221

dimensões:

comprimento total:..... 97cm
comprimento da lâmina:..... 80cm
máxima largura da lâmina:..... 4cm
máxima espessura da lâmina:..... 6mm
máxima largura da guarda:..... 20.5cm



Espada com lâmina recta de dois gumes, base larga e estreitamento acentuado. A ponta é ligeiramente arredondada. Tem goteiras de 26cm em ambas as faces com a inscrição “MIN SIN AL HES” na goteira dextra, e “EL SANTISSIMO CRUCIFIGIO” na sinistra. Dois sulcos laterais ladeiam as inscrições juntando-se e terminando num desenho cruciforme floral.



Abaixo das goteiras a lâmina passa a ter uma secção lenticular. Na face dextra, junto à guarda tem ainda uma figura estampada (casco de uvas?), provavelmente uma marca de ferreiro.



Guarda, tigela e pomo em ferro. A tigela é lisa com bordo rebatido. O pomo é periforme e facetado, com botão e encaixe para o guarda-mão.

O punho é em madeira com uma série de sulcos perpendiculares à espiga



Adaga de Mão Esquerda

n.ºcat.032

cronologia: século XVII

proveniência: Espanha [?]

número de inventário: ME1205

dimensões:

comprimento total:..... 51.9cm

comprimento da lâmina:..... 39.8cm

máxima largura da lâmina:..... 2.8cm

máxima espessura da lâmina:..... 6mm

máxima largura da guarda:..... 28.2cm



Adaga de Mão Esquerda de lâmina estreita com goteiras de 20.7cm. Ambas as goteiras têm a inscrição: “INTE DOMINI ESPADERO”, embora a inscrição na face sinistra esteja quase ilegível. A ponta é arredondada.



A guarda de ferro tem ambos os quartões dobrados em sentido sinistro e possui um guarda-mão de vela com rebordo e com decoração aplicada na forma de duas placas de cobre ornamentadas e aparafusadas em ambas as faces.

O pomo é de forma achatada e facetada, com botão. O punho é em madeira revestida de fio de cobre torcido e entrançado.

Rapière de Sete Palmos

n.ºcat.033

cronologia: século XVII

proveniência: Alemanha

número de inventário: ME1204

dimensões:

comprimento total:..... 114.2cm

comprimento da lâmina:..... 104cm

máxima largura da lâmina:..... 1.7cm

máxima espessura da lâmina:..... 9mm

máxima largura da guarda:..... 27.2cm



Espada com lâmina estreita e comprida, com goteiras de 15.8cm de comprimento. Ambas as goteiras possuem vestígios de inscrições que se encontram agora ilegíveis, embora pareça incluir a palavra “SOLINGEN” na face dextra. A lâmina tem uma secção em diamante abaixo das goteiras com a ponta ligeiramente dobrada. O talão é relativamente comprido.

A guarda é semelhante ao género normalmente encontrado nas espadas de copos de tigela de sete palmos, tanto no traçado como nas dimensões. O quartão inferior anterior está quebrado e o posterior dobrado para fora. O pomo é elipsoidal e sem botão.

A lâmina apresenta-nos a mesma contrariedade que surge com o n.ºcat.035. A lâmina não apresenta o feitio associado a espadas de copos de tigela. Querendo dizer que não possui gumes com largura superior à do ao talão, faltando-lhe assim um espaço de encaixe para prender o copo junto à base da lâmina.

Espada de Copos de Tigela de Sete Palmos n.ºcat.034

cronologia: guarda – primeiro quartel século XVIII (?)
lâmina – século XVII

proveniência: guarda – Portugal, lâmina – Alemanha

número de inventário: ME1203

dimensões:

comprimento total:..... 116cm
comprimento da lâmina:..... 101cm
máxima largura da lâmina:..... 2.5cm
máxima espessura da lâmina:..... 8mm
máxima largura da guarda:..... 30cm



Lâmina estreita e comprida, com goteiras estreitas de 17.5cm de comprimento. Na goteira dextra tem inscrito: “IN SOLINGEN”, e na sinistra apresenta o que parece: “GEO KNECT”.

A partir das goteiras a lâmina passa a ter uma secção lenticular. A ponta é arredondada e está ligeiramente dobrada.



A guarda é do género de espada de copos de tigela em que a tigela é aparafusada aos quartões inferiores, os quais se apresentam em forma de argolas que ladeiam a lâmina e que se ligam e alargam de forma a criar um suporte. Os quartões principais são marcadamente compridos e ostentam um apoio de polegar que nasce no lado sinistro do quartão posterior.

Na colecção de armaria do Palácio Ducal de Vila Viçosa existe uma Espada de Copos de Tigela portuguesa com uma guarda idêntica datada do primeiro quartel do século XVIII.

O pomo não está presente, deixando à vista o *terminus* da espiga em forma de parafuso.



Rapière de Sete Palmos

nºcat.035

cronologia: século XVII-XVIII

proveniência: Alemanha

número de inventário: ME1201

dimensões:

comprimento total:.....117.4cm

comprimento da lâmina:..... 98.9cm

máxima largura da lâmina:.....2.2cm

máxima espessura da lâmina:..... 1.2cm

máxima largura da guarda:..... n/a



Espada com lâmina muito estreita, muito comprida e relativamente grossa. Possui goteiras finas até 12.3 cm da ponta. A ponta é arredondada e está ligeiramente dobrada. Tem a inscrição "IN SOLINGEN"

O punho e a guarda não estão presentes. Estando o pomo em sítio, é provável que se tenham quebrado durante a sua vida útil. A tipologia deste parece pertencer ao século XVIII

A falta destes elementos dificulta a identificação desta arma. O seu feitio assemelha-se às espadas de copos de tigela de sete palmos. No entanto, como o nºcat.033, a sua lâmina não ostenta o feitio associado a estes exemplos, em que a largura superior dos gumes em relação ao talão serve para prender o copo que fica encaixado junto à base da lâmina.

Não podemos excluir também a possibilidade de se tratar de uma arma que possuiria uma guarda de laço.



Punhal

nºcat.036

cronologia: século XVII-XVIII [?]

proveniência: desconhecida

número de inventário: ME2865

dimensões: ME2865

comprimento total:.....18.5cm

comprimento da lâmina:..... 9.2cm

máxima largura da lâmina:.....2.1cm

máxima espessura da lâmina:.....7mm

Punhal em ferro, simples e sem guarda. Peça única com punho engrossado pela aplicação de metal branco com patina amarela

A ponta encontra-se achatada e ligeiramente dobrada de uso. Lâmina de secção lenticular.



Punhal

nºcat.037

cronologia: finais século XVII

proveniência: Espanha?

número de inventário: ME1234-1.....punhal

ME1234-2.....baínha

dimensões: ME1234-1

comprimento total:..... 21.7cm

comprimento da lâmina:..... 11.7cm

máxima largura da lâmina:.....2cm

máxima espessura da lâmina:.....3mm

dimensões: ME1234-2

comprimento total:..... 14cm

largura máxima:.....2.7cm



Lâmina em aço com faces lisas, gumes ligeiramente curvos e estreitamento acentuado. Tem um anel votivo junto ao punho que poderá ter servido para a fixação de uma peça decorativa. Argola e face superior da empunhadura em latão. Punho em madeira e chifre.

Espontão [ponta]

nºcat.038

cronologia: século XVII-XVIII

proveniência: Portugal [?]

número de inventário: ME1226

dimensões:

comprimento total:..... 68.5cm

comprimento da lâmina:..... 55.5cm

máxima largura da lâmina:..... 13.2cm

máxima espessura da lâmina:..... 8mm

máximo diâmetro interior de encabadoiro:..... 2.6cm



Lâmina comprida com orelhas, aresta central acentuada e ponta ligeiramente arredondada. Ligação esférica entre a lâmina e o encabadoiro. O encabadoiro e uma das orelhas apresentam remendos improvisados e algo toscos.



Lança de Sargento [ponta]

nºcat.039

cronologia: cerca 1600

proveniência: Inglaterra

número de inventário: ME1227

dimensões:

comprimento total:..... 57.3cm

comprimento da lâmina:..... 24.3cm

máxima largura (com travessão):..... 3.2cm

máxima espessura da lâmina:..... 3mm

máximo diâmetro interior de encabadoiro:..... 2cm

Ponta triangular com aresta central e chanfraduras regulares no talão da lâmina. Travessão entre a lâmina e o encabadoiro com as extremidades dobradas em sentidos opostos.

Encabadoiro facetado, seccionado por meia-cana dupla e com dois tirantes.

Espada

n.ºcat.040

cronologia: guarda – século XVII, lâmina – finais século XVIII
proveniência: guarda – Espanha, lâmina – Inglaterra

número de inventário: ME1202

dimensões:

comprimento total:.....103.4cm
comprimento da lâmina:..... 86.2cm
máxima largura da lâmina:.....3.5cm
máxima espessura da lâmina:.....7mm
máxima largura da guarda (quebrada):..... 9.6cm



Esta espada possui elementos pertencentes a duas armas distintas. A lâmina, recta e de gume único, é Inglesa. Possui dois pares de goteiras desencontradas resultando numa combinação de goteira dupla ao longo de cerca de 30cm da lâmina e até 10.5cm da ponta. Em ambas as faces tem a inscrição: “ W ”, colocando-a cronologicamente no século XVIII.
HARVEY

A guarda e o pomo fariam parte de um outro conjunto pertencente a uma espada de copos de tigela. Existe um exemplo deste tipo de conjunto nesta colecção datado de 1640, com um pomo e guarda-mão idênticos (n.ºcat029). A guarda do exemplo de que tratamos agora tem ambos os quartões quebrados/cortados e já não possui o seu copo. O pomo é periforme facetado com botão.



É possível que os quartões terão sido cortados no século XVIII de modo a fazer uma guarda mais adaptável a este feitio de lâmina.

O punho está envolto em cordão com revestimento de crina. Ambas as extremidades terminam em virolas de latão.



Espada de Copo de Vela de Bilbao n.ºcat.041

cronologia: 1792
proveniência: Espanha

número de inventário: ME1225

dimensões:

comprimento total:..... 110.3cm
comprimento da lâmina:..... 90.6cm
máxima largura da lâmina:..... 3.5cm
máxima espessura da lâmina:..... 7mm
máxima largura da guarda:..... 18.4cm



Espada de lâmina recta, com dois gumes e ponta arredondada. A secção é hexagonal na primeira metade, lenticular na segunda. Os gumes avançados estão muito danificados devido ao uso. Ambas as faces apresentam inscrições: “C. S. IV.” na face dextra, e “C. I. 1792.” na sinistra. Abaixo do copo na face dextra, existe também um “R” deitado encimado por uma coroa. No talão da lâmina, acima do copo, tem ainda estampado: “S^{II}”.



A guarda é composta de copo de vela, quartões principais e inferiores e guarda-mão, todos em ferro. O copo está aparafusado aos quartões inferiores que lhe servem de suporte. O anterior está quebrado mas o seu arranque está presente, também como o orifício no copo a que estaria de aparafusado. O quartão posterior dobra em sentido da lâmina e o anterior em sentido do punho. O copo encaixa numa abertura existente no guarda-mão

O pomo é periforme, liso, com botão muito saliente cujo *terminus* é formado pela espiga da lâmina.



O punho é revestido de fio de cobre torcido, com virolas em ferro e quatro peças, também em ferro, paralelas à espiga a segurar o fio entre as virolas. Este é um estilo de empunhadura típico da produção da cidade de Bilbao, capital da Biscaia, uma província do País Basco.



Espadim de Corte com Baínha

n.ºcat.042

cronologia: século XVIII

proveniência: desconhecida

número de inventário: ME1185-1..... espadim
ME1185-2..... bainha

dimensões: ME1185-1

comprimento total:..... 92.4cm

comprimento da lâmina:..... 76.6cm

máxima largura da lâmina:..... 2.1cm

máxima espessura da lâmina:..... 7mm

máxima largura da guarda:..... 9.8cm

dimensões: ME1185-2

comprimento total:..... 79.6cm

largura máxima:..... 2.4cm

espessura máxima:..... 1.1cm



Espadim de Corte europeu com lâmina estreita, curta, e de secção lenticular. Apresenta um certo grau de corrosão mas mantém-se evidente ainda a sua decoração em motivos florais.

As garnições em prata (guarda, concha, punho e pomo) estão todas profusamente cinzeladas com os mesmos motivos florais.

A guarda possui o quartão posterior ligeiramente dobrado em sentido da lâmina, o quartão anterior dobrado em sentido do punho, alongado e encaixado no pomo de forma a formar o guarda-mão, e dois quartões inferiores em forma de argolas.



O pomo é semi-esférico com botão onde é visível a espiga da lâmina.

A bainha, de origem, é de couro castanho estampado com alguma decoração do mesmo feitio e possui também garnições (bocal e ponteira) em prata, retendo a sua argola de suspensão.



Espadim de Oficial

n.ºcat.043

cronologia: século XVIII

proveniência: Alemanha

número de inventário: ME1187

dimensões:

comprimento total:..... 96.8cm

comprimento da lâmina:..... 80.9cm

máxima largura da lâmina:..... 2.1cm

máxima espessura da lâmina:..... 6mm

máxima largura da guarda:..... 10.4cm



Espadim alemão com lâmina de aço estreita, curta e aguçada, de duplo gume e goteiras de 22.4 cm. A partir das goteiras passa a uma secção em diamante com aresta central.



As goteiras possuem uma inscrição, igual em ambas, da qual é apenas legível: "HEINRICH [...]".

As conchas, guarda-mão e quartão posterior são em latão e em peça única. O quartão posterior termina em "pêra" de secção quadrangular. O pomo é pêriforme facetado e o botão é o *terminus* afeiçoado da espiga da lâmina.

O punho é revestido de arame de prata torcido e enrolado.



Espadim de Oficial de Infantaria [?] n.ºcat.044

cronologia: meados século XVIII

proveniência: guarda – Portugal, lâmina – Alemanha

número de inventário: ME1188

dimensões:

comprimento total:..... 94.4cm

comprimento da lâmina:..... 79cm

máxima largura da lâmina:..... 1.9cm

máxima espessura da lâmina:..... 6mm

máxima largura da guarda:..... 10.2cm

Espadim de lâmina estreita com goteiras de 16.7cm. Estas apresentam as inscrições: “AB STAM” na face dextra e “IN SOLINGEN” na sinistra. A partir das goteiras a lâmina passa a ter uma secção lenticular.

As conchas, guarda-mão e pomo ovóide são em latão. Decoração simples no pomo, em forma de lóbulos no hemisfério inferior, e a espiga da lâmina é visível no botão. O punho é revestido de arame de cobre torcido. Esta espada é quase idêntica ao modelo regulamentar de Espada de Oficial de Infantaria do Plano de Uniformes de 1806.



Espadim de Corte [?]

n.ºcat.045

cronologia: meados século XVIII

proveniência: França [?]

número de inventário: ME1189

dimensões:

comprimento total:..... 96cm

comprimento da lâmina:..... 81.2cm

máxima largura da lâmina:..... 2.1cm

máxima espessura da lâmina:..... 7mm

máxima largura da guarda (quebrada):..... 7.1cm

Espadim, possivelmente proveniente de França, com lâmina de aço estreita e de secção hexagonal, ricamente decorada nos primeiros 16 cm. Ambas as faces apresentam decoração floral assim como a figura de Marte encimada pela inscrição “mars”.



As conchas, guarda-mão, punho e pomo semiesférico são em latão, também com decoração floral. A espiga da lâmina é visível no botão do pomo. Tem quartões inferiores em argola e ambos os quartões principais estão quebrados.



Espada de Oficial

n.ºcat.046

cronologia: finais século XVIII

proveniência: Portugal

número de inventário: ME1190

dimensões:

comprimento total:..... 96.6cm

comprimento da lâmina:..... 81.5cm

máxima largura da lâmina:..... 2.9cm

máxima espessura da lâmina:..... 6mm

máxima largura da guarda (quebrada):..... 8.8cm



Espadim Português com uma lâmina relativamente larga, de duplo gume e estreitamento gradual. Possui goteiras pouco acentuadas de 24.5cm, ambas com a inscrição: “VIVA MARIA RAINHA DE PORTUGAL”. A partir da goteira a lâmina passa a ter uma secção lenticular.

A concha, guarda, punho e pomo são em latão decorado com motivos florais. O pomo é semiesférico com botão.

O guarda-mão desapareceu mas os seus encaixes, e o que parece ser uma tentativa de arranjo, estão visíveis no pomo e no componente da guarda, embora o pomo tenha sido colocado ao contrário numa qualquer tentativa de conservação, pois o seu encaixe encontra-se virado para o lado oposto. O quartão posterior dobra ligeiramente em sentido da lâmina e a concha possui duas pequenas saliências destinadas a encaixar no guarda-mão.

